



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

O mistério da brasilidade

Confesso que estou com saudades do Brasil. A situação melhorou muito desde as últimas eleições, mas ainda estamos com um déficit de brasilidade. Nos perdemos tanto que precisaremos algum esforço para reencontrarmos a nossa identidade de brasileiros como nação. As patriotadas são farsas fascitoides. Todavia, apesar de parecer, talvez, anacrônico, eu ainda gosto muito de ser brasileiro. Em outros momentos, era bem mais fácil delinear essa identidade. No entanto, a brasilidade sempre foi um tema controverso.

Estava folheando uma famosa entrevista de Guimarães Rosa, concedida ao arguto e incisivo crítico alemão, Gunther Lorenz, quando me deparei precisamente com o claro enigma da brasilidade. Lorenz comenta que é um tema que perpassa toda a literatura brasileira, mas nunca encontrou uma definição satisfatória.

Acrescenta que muita gente séria já lhe disse que essa brasilidade não passava de baboseira. No entanto, Guimarães Rosa discorda inteiramente: “Sim, veja, Lorenz, quem quer que lhe tenha dito que a ‘brasilidade’ é apenas uma baboseira deve ser um professor, um desses ‘lógicos’ que não compreendem nada, que só compreendem com o cérebro; e, como se sabe, o cérebro humano é uma organização muito defeituosa

e debilitada. Por isso, o homem possui, além do cérebro, o sentimento, o coração, como queira.”

Rosa reconhece que não poderá dar uma definição para algo incompreensível, mas pode tentar uma interpretação. É lógico que existe uma brasilidade, afirma o autor de *Grande Sertão: Veredas*: “Existe como a pedra básica de nossas almas, de nossos pensamentos, de nossa dignidade, de nossos livros e de toda nossa forma de viver.”

Mas o que seria a brasilidade? Para responder à intrigante pergunta, Rosa recorre a Goethe, que definiu a poesia como “a língua do indizível”. E traça um paralelo entre a brasilidade e a palavra “saudade” para os lusitanos: “Um português não precisa explicá-la; já nasce com ela, leva-a dentro de si. Conhece-a

com o coração, não com a cabeça. Assim acontece com a ‘brasilidade’; nós dois sabemos a importância que tem e o que quer dizer; e também só o sabemos com o coração.”

Rosa avança e argumenta que não podemos explicar a brasilidade fora da área linguística e sentimental: “Existem elementos da língua que não podem ser captados pela razão; para eles são necessárias outras antenas. Mas, apesar de tudo, digamos também que a ‘brasilidade’ é a língua do indizível.”

Para mim, essa língua do indizível se manifesta, principalmente, na arte. Eu a reconheço em Grande Sertão: Veredas, quando o jagunço Riobaldo Tatarana filosofa: “Eu, você, todos nós, nascemos doidos. E precisamos rezar muito para desdoidar. Reza é que sara loucura.”

Vislumbrei no batuque de quilombo moderno do Yê Ayê.

Eu a reconheci nos dribles de Garrincha ou nas fintas desconcertantes ao senso comum, aplicadas por Manoel de Barros, que era uma espécie de Garrincha da poesia: “Não era o normal o que havia de lagartixas/na palavra parede”.

Enrolar-se em uma bandeira não aplaca a minha fome de Brasil. Eu acho que, depois de sairmos do pesadelo da pandemia e do descaminho político, nós precisamos de uma nova Tropicália, um novo Cinema Novo, uma nova Bossa Nova, um novo Mangue Beat, um novo Grande Sertão: Veredas, um novo Garrincha ou uma nova marcha das mulheres indígenas em Brasília para retomarmos a conexão espiritual com a brasilidade.

RESSOCIALIZAÇÃO / O projeto Reintegro devolve a possibilidade de reconstruir a vida de pessoas do sistema penal. Oficinas profissionalizantes transformam realidades e dão a oportunidade de sonhar com o retorno à sociedade

Chance para recomeçar

» NAUM GILÓ

“Temos a certeza de que a pessoa que entra no sistema penal vai sair de lá. A questão é: como queremos que ela saia?”, questiona a diretora de Políticas Penitenciárias da Secretaria Nacional de Políticas Penais (Senappen), órgão vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), que uniu forças com o Instituto Besouro de Fomento Social para criar o Reintegro, projeto que tem como objetivo capacitar, reduzir penas e estimular a reintegração de pessoas presas e egressas no Distrito Federal.

O público-alvo da iniciativa são homens e mulheres que cumprem penas nos regimes semiaberto e aberto no sistema prisional da capital. Noventa e seis presos passaram pelo projeto, que começou em agosto de 2021. Atualmente, são oferecidas oficinas de qualificação profissional de buffet e coffee break, design e produção de material gráfico, limpeza e conservação predial e movelaria de ferro e madeira. “A ideia é fazer com que o assistido saia do sistema prisional trabalhando, mesmo com pouco ou nenhum capital”, explica Márcio Sousa, coordenador-geral do Reintegro.

Ao ingressar no projeto, os assistidos passam a receber um salário mínimo mensal. O benefício é compensado por benfeitorias para a comunidade, como a revitalização de escolas, praças, Unidades de Internação de Saída Sistemática (Uniss) e outros equipamentos públicos. A sede do projeto é localizada em Samambaia Norte, onde os presos vão de segunda a sexta. O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) é quem escolhe aqueles que poderão participar do projeto. Uma das regras é que eles não sejam integrantes de facções criminosas.

Além do salário mínimo, os presos também ficam com a renda gerada pelo trabalho que fazem, como o oriundo da venda dos móveis montados e a remuneração dos eventos produzidos por eles.

Sucesso

De acordo com o coordenador-geral Márcio Sousa, a taxa de reincidência dos presos no crime, após entrar no projeto, é zero. “Dezotois dos 27 gestores de administrações penitenciárias estaduais de todo o país já vieram conhecer o

Fotos: Kayo Magalhães/CB



Márcio Sousa, coordenador-geral do Reintegro, é o grande incentivador dos sonhos dos assistidos



Rômulo se encontrou na área de eventos, com serviço buffets

Reintegro. A ideia é replicar o projeto em outros lugares”, afirma o pedagogo. A iniciativa é financiada pelo Senappen, que também acompanha os trabalhos desenvolvidos pela parceria.

Ao conhecer melhor o projeto, é possível perceber que o Reintegro é mais do que apenas capacitar profissionalmente pessoas do sistema prisional. É feito todo um trabalho que alia a capacitação com os anseios de vida dos assistidos. “Ao chegar aqui, a gente pergunta para ele ou ela qual é o seu sonho. A partir daí, elaboramos um plano para que o assistido consiga atingir seus objetivos”, explica Márcio. E não importa se o sonho não se encaixa em nenhuma das oficinas disponibilizadas pelo projeto.

Foi o caso de Mateus da Silva,

25 anos, que chegou ao Reintegro em agosto de 2021. “Quando cheguei fiquei receoso. Mas, o Márcio me falou que eu estava aqui para trabalhar, mas sim para aprender”, lembra. Mateus já havia trabalhado em uma gráfica, quando tinha 20 anos. Antes disso, quando ainda era menor, passou por uma unidade de socioeducativa.

O sonho revelado por ele era trabalhar com gráfica, experiência de trabalho que já havia tido antes. O Reintegro não oferecia oficina de design e produção de material gráfico, mas o esforço de conseguir os equipamentos e um alguém para capacitá-lo foi feito. Hoje, sem dever mais nada para a justiça, ele tem a própria gráfica em casa, de onde tira o sustento da sua família. No antigo emprego, o chefe lhe



Mateus tem a própria gráfica e sonha em prosperar ainda mais no ramo

havia prometido ensinar a mexer em programas de design e nas impressoras. Promessa que nunca foi cumprida. “Na Reintegro me ensinaram tudo isso. Aposto que hoje ele quer me contratar de novo”, brinca. Mateus já foi chamado para parcerias e recusou três propostas formais de emprego. “Quero o meu próprio negócio.”

Quando chegou ao projeto, Rômulo Martins Freire de Oliveira, 25 anos, não tinha um sonho. Em uma conversa com Márcio, ele lembrou que, durante a adolescência, ajudava a avó a vender pastéis nas ruas de São Paulo. Foi a memória que o fez liderar uma equipe do buffet da festa junina do Senappen. “Eu achei massa. Minha família sempre mexeu com comida, então acho que tinha a ver. O Reintegro mudou

a minha vida”, orgulha-se.

De lá para cá, Rômulo tem comandado serviços de buffets e coffee break em diversas ocasiões, inclusive em eventos na Esplanada dos Ministérios. O então ministro da Justiça Flávio Dino foi uma das figuras ilustres que utilizou os serviços de Oliveira, que está há cinco anos no regime aberto.

Vida nova

“É um depósito humano, um inferno. Aprendeu nada nesse período, só cela, concreto e convívio com outros presos, muitos facionados”, descreve André Arley Alves, 36 anos, que passou nove anos em regime fechado. Agora, ele está há cinco anos no semiaberto. Antes de chegar ao Reintegro, há

Origem

» A ideia do projeto partiu de Juciane Prado, coordenadora-geral de Cidadania e Alternativas Penais do Senappen. Conhecendo o sistema penal por dentro, há 17 anos, ela conta que o objetivo é trabalhar a co-responsabilidade na segurança pública e execução penal entre estado e sociedade civil. “Execução penal é uma área muito desconhecida e há o estigma com as pessoas do sistema prisional, o que dificulta que elas consigam um emprego”, analisa.

» “O objetivo é proporcionar um espaço de trabalho fora do presídio, oferecendo capacitação para trabalhar ou abrir o próprio negócio”, conclui.

um ano, trabalhava em uma regional de obras do GDF. “Cheguei aqui achando que seria um serviço exploratório, mas logo recebi um atendimento com psicólogo e cursos profissionalizantes”, lembra.

Em 2021, o apenado decidiu fazer o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). “Quando eu cheguei aqui e vi um ambiente saudável, acolhedor, com computador, internet e impressora, pedi ao Senappen a oportunidade de estudar. Eles aceitaram meu pedido e me deram uma sala”, lembra. Atualmente, André é aluno de gestão de negócios no Instituto Federal de Brasília (IFB). “É um desafio ter 36 anos, 20 anos sem estudar e entrar em um ambiente com pessoas com a cabeça fresca, que acabaram de sair do ensino médio. Se não fosse o projeto, eu não conseguiria”, reflete. Ele mostrou para a reportagem o componente curricular do semestre que concluiu ano passado: aprovados em todas as disciplinas e nenhuma falta. “Hoje eu me sinto um cidadão. Meu filho me respeita, me chama pra sair. Minha mãe está satisfeita comigo. Hoje eu cozinho para a minha esposa. A comida na prisão é horrível”, relembra.

Daqui para frente, o plano dele é concluir os estudos e abrir o próprio negócio de alimentação ou de artigos eletrônicos. “Não quero mais voltar para o crime”, confessa.

Obitório

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em

» Campo da Esperança

Bernarda Francisca de Oliveira, 61 anos
Ivanilde Ferreira de Miranda, 84 anos
Josinaldo Lins de Oliveira, 54 anos
Luzia Ferreira de Sousa, 75 anos
Maria da Conceição Ferreira de Araújo, 66 anos
Maria Lúcia Laureano Alves, 63 anos
Thallysson Rodrigues da Silva, 66 anos

» Taguatinga

Antônio Soares da Silva Filho, 66 anos
Cícero Lacerda Pereira, 66 anos

Clarice Amaral da Silva, 62 anos
Deuzimar Maria Neto de Sousa, 63 anos
Diego Basílio Souza, 24 anos
Dioclécio Gomes de Sousa, 85 anos
Elisângela Cristina dos Santos, 47 anos
Erenice Mendes Oliveira, 60 anos
João Vianney de Araújo, 76 anos
Lúcia Vieira Mendes, 80 anos
Manuel Pedro da Costa Santos, 92 anos
Maria Eva Martins dos Anjos, 66 anos
Maria Helena Soares, 65 anos
Maria Lucas dos Santos, 78 anos

Maria Nilza de Almeida, 74 anos
Omidia Luinginho de Andrade, 97 anos

» Gama

Geraldo Pereira da Costa, 72 anos
Maria Leite da Paixão, 79 anos
Rogério Pereira dos Santos, 45 anos

» Planaltina

Adith Ribeiro dos Santos, 89 anos
Aline Félix Torres, 67 anos

» Sobradinho

Aelton Batista dos Santos, 29 anos
Davi Bastos Lins, 14 anos
Nelson Brasil, 48 anos
Sebastião Henrique de Azevedo, 89 anos

» Jardim Metropolitano

Denízia Gonçalves Dayrell, 52 anos
João de Brito, 79 anos
Jorge Motta da Silva, 88 anos